

18

Cartografia Temática

Apresentação

Margarida M. de Andrade
Regina Vasconcellos

Yves Lacoste
K.A. Salichtchev

- Os objetos geográficos
- Algumas reflexões sobre o objeto e método da cartografia depois da sexta Conferência Cartográfica Internacional
- O desenvolvimento de conceitos de comunicação cartográfica com referência especial ao papel do Professor Ratajski

Christopher Board

- Prefácio (Initiation à la Graphique, S. Bonin, 1975):
Ver ou Ler

Jacques Bertin

VER OU LER*

Jacques Bertin

UM NOVO OLHAR SOBRE A CARTOGRAFIA

O primeiro objetivo da cartografia, objetivo milenar, foi de nos dar a imagem dos rios, das montanhas, das cidades e das estradas, isto é, a imagem das referências naturais, úteis ao homem. Este trabalho acaba de ser terminado. As "Terra Incognita" desapareceram dos bons atlas na primeira metade do século XX e nós vemos agora a cartografia moderna desenvolver-se em duas direções principais.

Primeiramente ela aprimora a imagem dessas referências naturais à medida que crescem as necessidades. É a corrida à precisão à "cobertura topográfica" do mundo em escalas cada vez mais finas: 1:5.000.000, depois 1:500.000, 1:50.000, 1:5.000... Em que nível deve-se parar? A resposta é evidentemente fornecida pelo equilíbrio entre o serviço prestado e o preço de venda. A fotografia aérea e espacial torna-se então o instrumento milagre desse equilíbrio.

Mas a cartografia se desenvolve também em uma outra direção. Ela acrescenta às referências naturais a multidão dos fenômenos que o homem deve levar em conta quando da decisão, sejam esses fenômenos visíveis e fotografáveis, como a floresta, ou não, como por exemplo as legislações florestais.

A distribuição geográfica é com efeito uma das duas bases constantes e universais de comparação que o homem dispõe, a outra sendo a cronologia. Ela permite registrar qualquer caráter e torná-lo, assim, comparável a qualquer outro e sabe-se que o problema da decisão repousa agora sobre a comparação de um número cada vez maior de caracteres.

Mas esse novo desenvolvimento da cartografia coloca problemas muito diferentes do precedente. Com efeito, aumentar a precisão da imagem de uma estrada, de um rio ou de uma montanha, é um problema técnico de medida que não tem limite no nível da imagem. É suficiente ampliar a folha de papel, isto é aumentar o número dos "cortes".

(* Tradução: Margarida M. de Andrade.

Ao contrário, aumentar o número de caracteres representados sobre uma folha de papel é um problema psicológico. Há um limite: o das propriedades da percepção visual. Cada caráter é uma imagem. Ora, pode-se superpor várias imagens, por exemplo várias fotografias sobre um mesmo filme e entretanto separar cada imagem? Esta impossibilidade é uma barreira intransponível. Quais são suas conseqüências? Como reduzi-las? Como contornar esta barreira? É o problema da cartografia politêmica. É um dos objetivos da semiologia gráfica.

Como toda ciência, a semiologia gráfica desenvolveu-se a partir das dificuldades encontradas e de constantes fracassos.

Acredita-se habitualmente que o único erro cartográfico possível é enganar-se de posição geográfica. Este erro é quase inexistente, exceto infelizmente em alguns meios que confundem ainda decoração e cartografia, como a televisão que, sem dúvida em nome da estética, localiza a Síria em Teerã e o Líbano na Mesopotâmia! O erro mais corrente, e também o mais grave uma vez que leva a decisões erradas, consiste em enganar-se não de posição mas de caráter, porque se trata de enganar-se de caráter representar a ordem das quantidades por uma não ordem ou por uma desordem e dar assim uma falsa imagem, isto é uma falsa informação.

Mas não se fala da imagem, mostra-se a imagem. Eis pois alguns erros cartográficos cuja gravidade progressiva não escapará ao leitor.

Transcrição de uma ordem por uma não-ordem visual

Informação: ordem dos preços do terreno na França de leste.

Transcrição(1)¹: a ordem dos preços é transcrita pela não-ordem de signos de forma somente diferentes entre si.

Resultado: a carta (1) responde à pergunta: qual é o preço do terreno em Vittel, em Epinal? Mas ela não responde à pergunta: onde estão os terrenos caros?

Correção:(2): a ordem dos preços é transcrita pela ordem visual das superfícies de preto.

Resultado: as regiões "caras" e por oposição as regiões menos caras assim como as zonas intermediárias aparecem instantaneamente. Além disso, a carta (2) responde à pergunta: qual é o preço em Vittel, em Epinal? Esse primeiro exemplo permite fazer duas observações essenciais:

1. Carta extraída de um semanário com tiragem de um milhão de exemplares.

1. Não se olha uma carta como se olha uma obra de arte. Faz-se perguntas a uma carta e qualquer leitor tem o direito de fazer dois tipos de perguntas diante de uma carta:

-em tal lugar (em Vittel), o que há? (1)

-tal caráter (o preço do terreno) qual é sua geografia? (2)

Para concretizar esses dois tipos é suficiente observar que uma carta é a transcrição de um quadro de dados (3) que põe em relação um conjunto de pontos geográficos, situados em X no quadro, com um conjunto de caracteres, situados em Y no quadro. Presume-se pois que toda carta responda:

-às perguntas em X: em tal lugar, o que há? (1)

-às perguntas em Y: tal caráter, onde está? (2)

A redação de uma carta custa freqüentemente ainda muito caro e esse custo só é plenamente justificado se a carta responde visualmente a todas as questões que a informação transcrita permite colocar.

Todo leitor deve, pois, aprender a fazer à carta os dois tipos de perguntas. É o instrumento de base da redação e da crítica cartográfica. O leitor ficará sem dúvida surpreso de ver como é difícil fazer essas perguntas e como poucas cartas a elas respondem. Mas, o que é uma resposta visual?

2- A percepção visual é sempre instantânea. Se ela não o fosse, não se dirigiria jamais um automóvel. O que importa pois, é a significação da imagem instantânea.

Na carta (1), a imagem instantânea é a dos "pontos de enquete". Não aquela dos "preços". Para encontrar uma significação "preço" nessa carta é preciso olhar uma forma elementar: a forma de um signo. Para descobrir todos os preços, seria pois necessário reconeçar a operação de percepção para cada signo, em outras palavras seria necessário ler sucessivamente... e memorizar 117 dados, o que é impossível.

Ao contrário, na carta (2), a imagem instantânea é a dos "preços". Vê-se os preços e um instante de atenção é suficiente para que se possa redesenhar "de memória" o essencial da geografia dos preços.

A carta que responde instantaneamente aos dois tipos de perguntas (2) é uma carta para ver, enquanto aquela que só responde ao primeiro tipo (1) é uma carta para ler. Quando "cartas para ler" acompanham um texto, o leitor percebe inconscientemente a perda de tempo que representaria a leitura completa da carta. Ele percebe que a relação entre o tempo transcorrido e a informa-

ção recebida beneficia o texto e, em consequência, ignora a carta ou então só lhe pede uma parcela daquilo que poderia receber.

Uma carta com um só caráter responde quase sempre ao primeiro tipo de pergunta: em tal lugar... e freqüentemente ainda o leitor é obrigado a se contentar com essa resposta. Mas a carta (2) mostra que o leitor poderia também receber uma resposta visual para o segundo tipo de pergunta. O leitor atento de uma carta tem, pois, o direito de exigir desta uma resposta visual para a pergunta: tal caráter, qual é sua geografia?

Ele descobre então os três erros possíveis da cartografia:

-A pergunta: tal caráter... não tem resposta visual.

-A resposta visual é falsa.

-A pergunta: tal caráter... é praticamente impossível de ser feita.

O exemplo que se segue vai mostrar melhor ainda as consequências do primeiro erro.

A questão: tal caráter... não tem resposta visual

(transcrição de uma ordem por uma não-ordem em uma comparação de cartas).

Informação: a ordem das porcentagens de votos recolhidos na França pelas três grandes centrais sindicais.

Transcrição (4): transcrição da ordem pela não-ordem visual de traças somente diferentes entre elas².

Resultado: cartas "informes" que é impossível comparar e que o leitor sequer olha.

Correção (5): transcrição da ordem da informação pela ordem visual dos valores do branco ao preto.

Resultado: percepção instantânea das três formas que o olho compara facilmente.

Vê-se, assim, que as "cartas para ler" (4) impedem a comparação com outras cartas. Elas impedem as multicomparações que fazem da cartografia moderna um dos instrumentos de base do tratamento da informação. Para que as comparações sejam possíveis, a carta deve responder ao segundo tipo de pergunta: tal caráter, onde está? A carta deve ser uma "carta para ver" (5).

Mas é preciso ainda que a "carta para ver" não seja falsa.

2. Cartas extraídas de um grande diário parisiense.

A resposta visual é falsa

(transcrição de uma ordem por uma desordem)

Informação: ordem das porcentagens de óbitos anuais em Paris.

Transcrição: a ordem das porcentagens é transcrita por uma desordem visual de valores.

Resultado: é a imagem (6). É uma "carta para ver" que, em consequência, memorizamos instataneamente. E memorizamos que o máximo de óbitos está no centro de Paris e também a Oeste! Constatemos que é impossível ver outra coisa. Ora, memorizamos uma falsa distribuição. E é ela que comparamos com outras informações, com outros caracteres. As conclusões e decisões serão, pois, falsas.

Vê-se, pois como é grande a responsabilidade do cartógrafo e como é falso crer que a carta não passa de uma "convenção" qualquer. Esses exemplos mostram, ao contrário, que a cartografia é a única linguagem que não é convencional. Mostram que o problema é transcrever a ordem da informação e que esse problema só tem uma solução.

-a ordem dos dados transcreve-se pela ordem visual,
-e as duas ordens devem corresponder.

Ora, só há duas ordens visuais: aquela do plano, que em cartografia é a imposta pela topografia, e a ordem do branco ao preto, que pode aliás passar por qualquer cor intermediária, desde que esses valores sejam ordenados.

Correção: a ordem da informação é transcrita pela ordem correspondente dos valores do branco ao negro.

Resultado (7): a verdadeira distribuição de óbitos em Paris. Pode-se constatar que ela é quase inversa em relação à distribuição memorizada em (6)! O erro do cartógrafo, em (6), é evidente. Deixou de fazer corresponder a ordem visual com a ordem da informação.

O leitor estará sem dúvida surpreso com a necessidade de sublinhar tais erros e evidências. Mas ficará mais surpreso ainda quando descobrir que esses erros são um fato corrente nos jornais, atlas, publicações, instâncias de decisão tais como ministérios, serviços estatísticos, serviços de informação.

Freqüentemente é preciso procurar a origem desses erros na confusão entre cor e valor.

A carta (8) dá um exemplo característico disso. Ela é produzida pelos serviços de informação da presidência dos USA. Esses serviços dispõem dos meios técnicos os mais aperfeiçoa-

dos e podem fazer aparecer quase instantaneamente sobre uma tela de televisão qualquer carta, a um simples pedido. As cores são muito bonitas... mas as imagens são tão falsas quanto a carta (6)!

A percepção instantânea da carta (8) inscreve na nossa memória que a água mais "dura" está no norte. Mas uma leitura atenta nos mostra, ao contrário, que a água mais "dura" está no sul! A imagem instantânea não se constrói sobre as "cores" mas sobre a ordem dos "valores da cor", isto é, de sua distância em relação ao branco e ao preto. Ora, aqui, como na carta (6) a ordem dos valores não corresponde à ordem dos dados.

A imagem que faz corresponder as duas ordens (9) restabelece a verdade. Mas quem só vê a carta (8) memoriza uma falsa geografia. E quando se sublinha esses erros, não é impossível de se ouvir como resposta: "isso não tem importância já que, com o computador, cada um é livre para colocar a cor que quiser".

Esta resposta sublinha a extensão da confusão entre ver e ler. Sublinha quanto seus autores ignoram que é impossível corrigir mentalmente uma falsa imagem.

Não! Esta liberdade não existe! E é por isso que a cartografia é uma linguagem universal. É uma linguagem acabada e rigorosa, que só dispõe de uma única ordem visual. Consequentemente "tomar uma convenção" outra que aquela imposta pela psicologia é escrever que 2=5, é justificar as cartas (4) e (6)... ou é ser cego!

OS DOIS PROBLEMAS DA CARTA POLITEMÁTICA

As cartas que acabamos de ver são cartas com um só caráter. Quando a carta superpõe vários caracteres, o leitor esbarra com dois problemas estreitamente ligados: a legibilidade da legenda, a resposta à pergunta "tal caráter, qual é sua geografia?"

As perguntas são praticamente impossíveis de serem colocadas

Para que o leitor possa colocar as questões às quais espera-se que a carta responda, ele deve pelo menos saber quais são os caracteres representados. Quanto tempo é necessário, na carta (10), para saber do que se trata?

Com uma lupa descubra a legenda. Exagero? Infelizmente não! Que o leitor olhe agora as cartas as mais diversas.

Ficará surpreso de descobrir que poucas são as legendas facilmente acessíveis.

Ficará surpreso de ver, em diversos casos, legendas separadas da carta. E o que dizer então das cartas, publicadas por instâncias científicas, e que sequer têm legenda!

A legenda é o único meio de entrar na carta, isto é, de lhe colocar as questões às quais espera-se que ela responda. É o verdadeiro título da carta. A legenda deve ser imediata e perfeitamente legível e, conseqüentemente, convém:

- reservar-lhe todo o espaço necessário,
- dispô-la o mais próximo do leitor,
- evitar todo retorno inútil (11),
- escolher os temas os mais imediatamente significativos,
- e naturalmente escrevê-la em caracteres grandes.

Mas isso não parece ser ainda evidente.

A pergunta: tal caráter... não tem resposta visual

(A carta superpõe vários caracteres)

É sempre possível superpor vários caracteres sobre uma carta. Alguns superpõem 20, outros 30 caracteres diferentes. Mas é isso uma habilidade do desenhista?

A carta (11) superpõe 5 períodos, os períodos de fundação das escolas normais, para duas categorias: rapazes e moças. Há, pois, 10 caracteres superpostos sobre essa carta, como o indica a legenda, nada fácil de ler, aliás. Retomemos nossos dois tipos de perguntas:

-Em tal departamento, quais são as datas de fundação? A resposta, sem ser fácil é entretanto, possível.

Façamos agora o segundo tipo de pergunta:

-Em tal data, quais são os departamentos interessados?

A carta (11) não fornece resposta visual. Como a carta dos preços (1) ou a carta (10) ela só permite reler ponto por ponto todos os signos representados. É uma "carta para ler". Aliás você, leitor, o que retém dessa carta? Falando francamente, praticamente nada.

Ou sim! o sentimento da inutilidade da Cartografia!

A explicação é evidente. A superposição de vários caracteres sobre uma carta destrói a imagem de cada um dos caracteres, da mesma maneira que a superposição de várias fotografias sobre um mesmo filme destrói cada imagem particular. O que é impossível de ver em (11) são as imagens (13).

Atingimos aqui os limites da percepção visual. O olho só vê uma única forma de cada vez. Quando várias formas encontram-se superpostas o olho só vê a forma no seu todo e para se parar um dado caráter, é preciso selecioná-lo ponto por ponto, o que aliás pode ser perfeitamente impossível, nos clichês fotográficos por exemplo.

Está aí todo o problema da cartografia politemática. Como melhorar a percepção de conjunto de um caráter, de cada caráter em uma carta que superpõe vários?

É fácil constatar que a confusão aumenta com o número de caracteres e com a complexidade de sua distribuição.

Procura-se, pois, reduzir essa confusão:

-reduzindo o número de caracteres superpostos, seja por simples supressão, seja procedendo a tratamentos prévios, matemáticos e gráficos que permitem agrupar vários caracteres de distribuições vizinhas e definir "tipologias",

-simplificando a distribuição geográfica, isto é, esquematizando-a,

-escolhendo um caráter que se põe em evidência e relegando assim todos os outros à leitura ponto por ponto,

-utilizando os três tipos de implantação que o olho pode separar facilmente: pontos, linhas e zonas.

A perda de informação particular em cada uma das soluções pode ser definida com precisão (teoria das questões pertinentes) e a escolha da informação perdida (escolha das perguntas que não terão respostas) explica a diversidade aparente da cartografia politemática.

A única solução que não acarreta nenhuma perda de informação é evidente:

-fazer uma carta de superposição para responder à pergunta "em tal lugar o que há?" (12) isto é, a pergunta em X no quadro de dados (14);

-fazer uma carta por caráter para responder à pergunta - "tal caráter, onde está?" (13) isto é, a pergunta em Y. E descobre-

se então como a pergunta em Y pode ser útil à compreensão. No exemplo (13) ela faz aparecer imediatamente o surpreendente atraso da promoção dos professores, a curiosa distribuição das criações, o atraso, ou inversamente o avanço de certas regiões, e em alguns casos excepcionais o avanço das moças em relação aos rapazes.

Tudo isso é legível sobre a carta (12), mas como não é visível, ninguém vê.

A pergunta: tal caráter... não tem resposta visual
(segundo exemplo)

Vimos o erro da carta (10). A legenda é muito difícil de ler. Aqui (15) esse erro é corrigido e é fácil ver que se trata da distribuição, por departamento, das populações agrícolas, industriais e terciárias.

Como toda carta de superposição ela responde à primeira pergunta: em tal lugar, o que há? Mas a segunda pergunta: tal caráter, qual é sua geografia? só tem resposta na coleção de cartas (16).

A primeira pergunta é a que faz o viajante, o automobilista, o arquiteto ou o militar. Para eles, uma "carta para ler" é geralmente suficiente.

A segunda pergunta é a que faz todo pesquisador, toda pessoa que decide, que quer informar-se e que tem o direito de definir sua própria lista de comparações úteis, isto é, sua própria lista de caracteres.

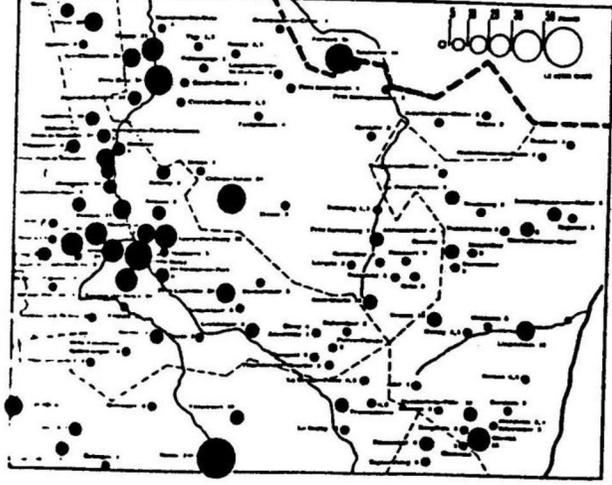
Esse necessita de "cartas para ver". E estas são oferecidas. É suficiente acrescentar, nas bordas da carta de superposição, a série de cartas por caráter, que podem ser muito pequenas e em uma só cor.

O leitor conhece agora os dois tipos de perguntas que tem direito de fazer diante de qualquer carta. Como costuma acontecer o leitor ficará ainda mais surpreso ao descobrir que a 2ª pergunta "tal caráter, qual é sua geografia?" só raramente encontra resposta e que o emprego moderno da cartografia, que deveria permitir comparar qualquer lista de caracteres, está ainda esmagada sob o peso dos hábitos milenares da "leitura" topográfica.

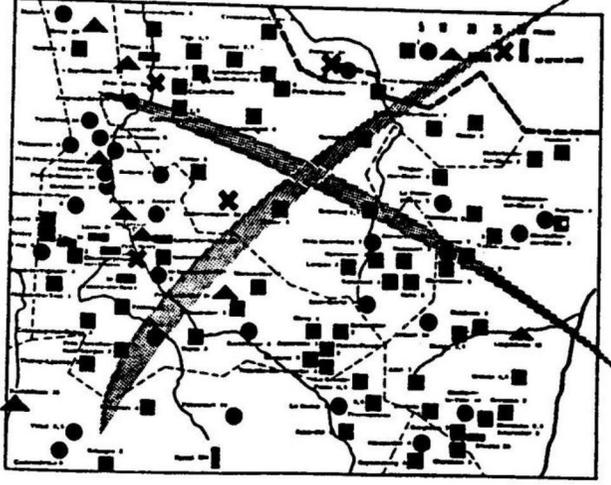
Y
←

- ABRESCHVIL
- ALBE
- AMANCE
- ANCERVILLE
- BACCARAT
- BADONVILLI
- BAYON
- BERGHEM
- BITCHE
- BLENOD-l-e
- BLENOD-l-est
- BOULAY
- BOULANGE
- BRIEY
- BRULAY
- CHATEAU-SA
- CHATENDY
- CHAUDENAY
- CIREY
- COLOMBEY
- CONDE
- CONTREREY
- COURCELLE
- CREUTZWAL
- DABO
- DAMBACH
- DELME
- DIEUZE

X
←



2



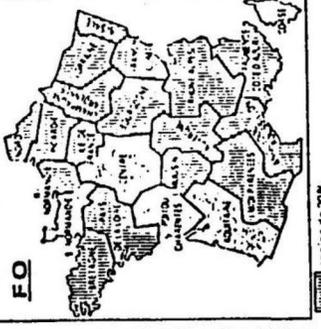
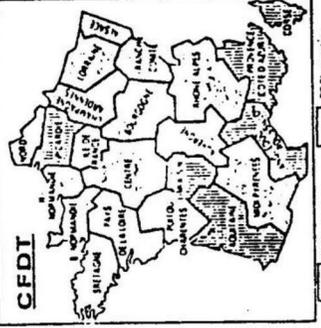
1

3

14 décembre 1979

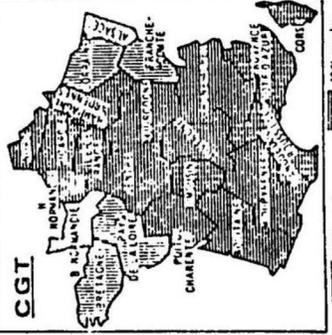


SOCIAL

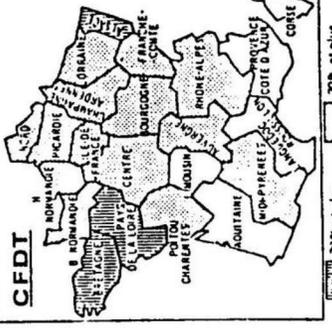


4 Sur chacune des trois cartes ci-dessus, les zones d'influence majoritairement des trois grandes centrales ouvrières

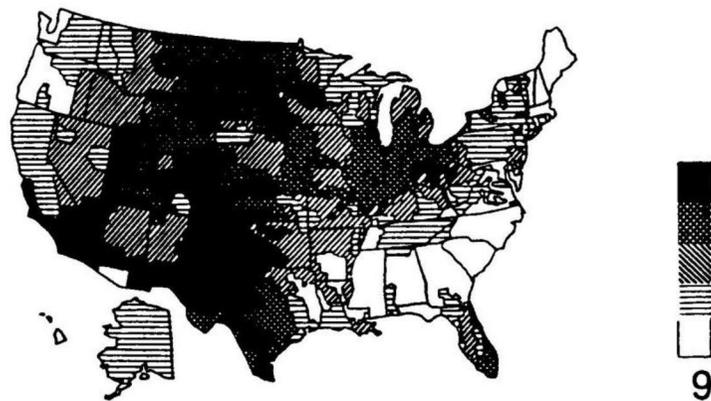
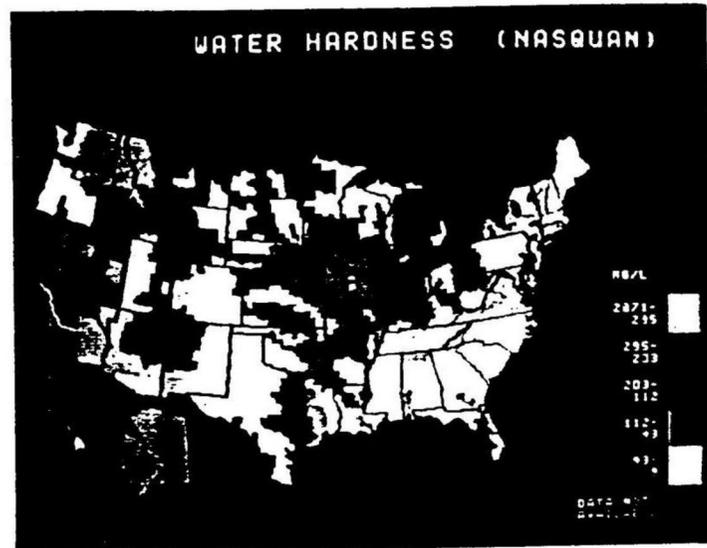
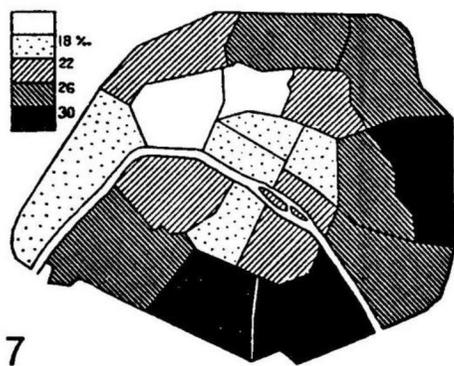
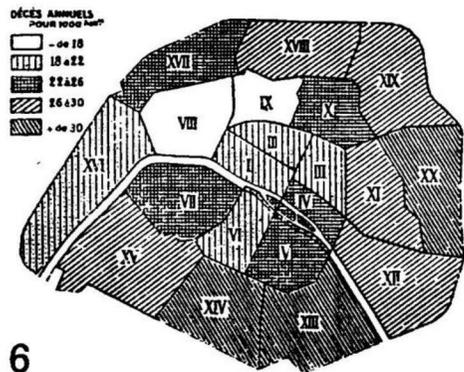
14 décembre 1979

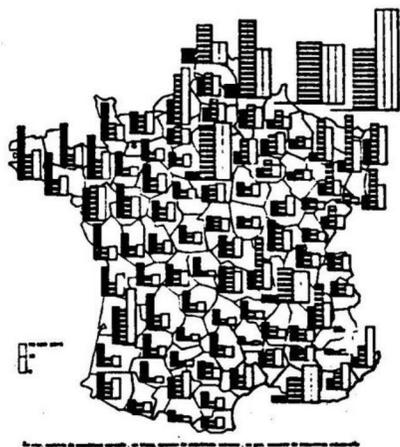


SOCIAL



5 Sur chacune des trois cartes ci-dessus, les zones d'influence majoritairement des trois grandes centrales ouvrières



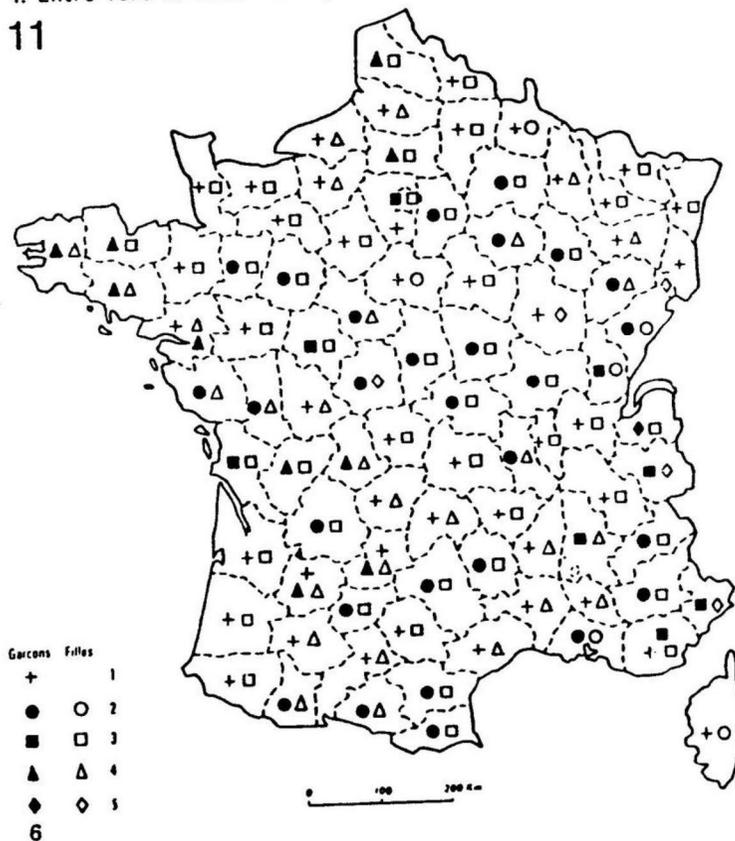


10

ÉCOLES NORMALES D'INSTITUTEURS ET D'INSTITUTRICES 1833-1914

■ Date de fondation des écoles normales : 1. Avant 1833. - 2. Entre 1833 et 1848. - 3. Entre 1848 et 1870. - 4. Entre 1870 et 1888. - 5. Après 1888.

11



ÉCOLES NORMALES
D'INSTITUTEURS
ET D'INSTITUTRICES
1833-1914

■ Date de fondation des écoles normales : 1. Avant 1833. - 2. Entre 1833 et 1848. - 3. Entre 1848 et 1870. - 4. Entre 1870 et 1888. - 5. Après 1888.



12

CREATION
DES
ÉCOLES
NORMALES

GARÇONS

	AIN	AISNE	ALLIER	ALPES Hte PR	ALPES (HAUT)	ALPES MARIT	ARDECHE	ARDENNES	ARIEGE	AUBE	AUTUN
AVANT 1833	X	X					X	X			
— 1848			X	X	X				X	X	X
— 1870						X					
— 1888											
APRES 1888											

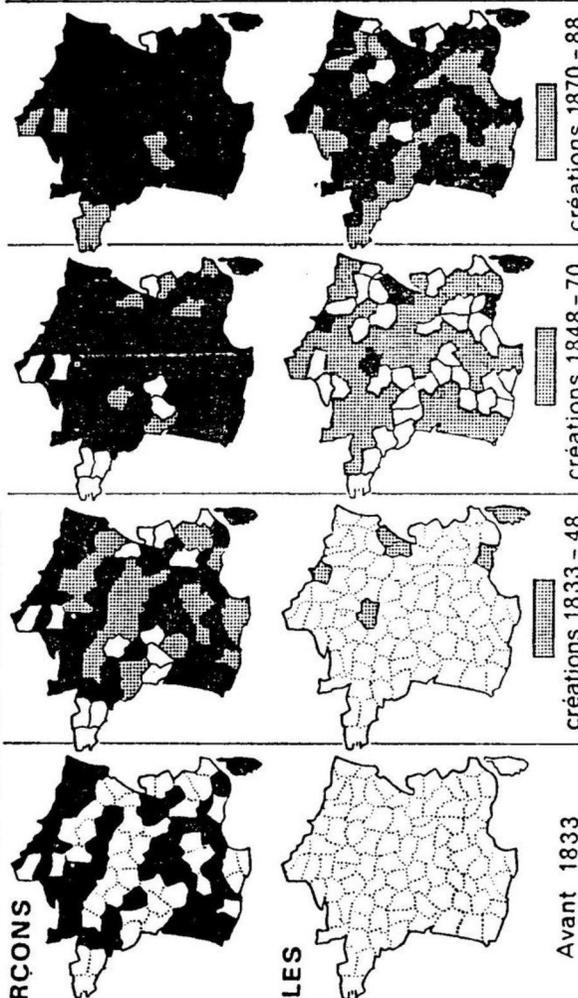
FILLES

AVANT 1833											
— 1848								X			
— 1870	X	X	X	X	X						X
— 1888							X	X	X		
APRES 1888						X					

14

13

CRÉATION DES ÉCOLES NORMALES
GARÇONS



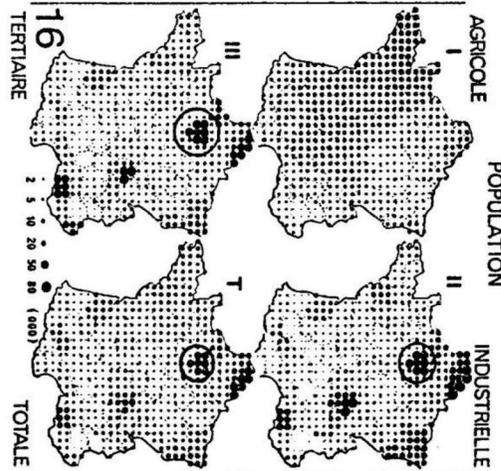
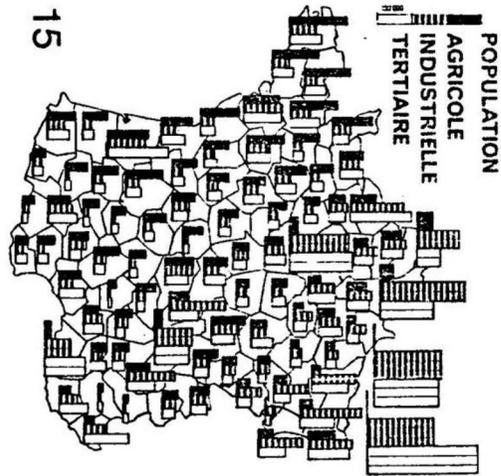
FILLES

Avant 1833

créations 1833 - 48

créations 1848 - 70

créations 1870 - 88



ANUCHIN, A.V.: A Propósito do Objetivo da Geografia Econômica (Respostas às questões de M.I. Al'Brut). Seleção de Textos 1, dez 1976, p. 1-15.

SANTOS, Milton: Relações Espaço-Temporais no Mundo subdesenvolvido. Seleção de Textos 1, dez 1976, p. 17-23.

IANNI, Octavio: As Relações de Produção na Agricultura. Seleção de Textos 2, jun 1977, p. 1-29.

PADRINI, F.L., GUIDICINI, G. e GREHS, S.A.: Geologia Ambiental ou de Planejamento. Seleção de Textos 2, jun 1977, p. 31-57.

CASTELLS, Manuel: A Questão urbana (Posfácio). Seleção de Textos 3, set 1977, p. 1-38.

ANDERSON, James: Ideologia em Geografia: Uma Introdução. Seleção de Textos 3, set 1977, p. 39-56.

SANTOS, Milton: Espaço e Dominação. Seleção de Textos 4, jun 1978, p. 3-27.

ZAVALA, D.F.: População e Recursos naturais: Limites Estruturais e o Paradoxo da Tecnologia. Seleção de Textos 4, jun 1978, p. 29-35.

SIOLI, Haroldo: Atividades Humanas Recentes na Região Amazônica Brasileira e seus Efeitos Ecológicos. Seleção de Textos 5, dez 1978, p. 1-24.

FOLKE, Steen: Primeiras Reflexões sobre a Geografia do Imperialismo. Seleção de Textos 5, dez 1978, p. 25-39.

PRADO JUNIOR, Caio: Teoria Marxista do Conhecimento e Método Dialético Materialista. Seleção de Textos 6, fev, 1979, p. 1-38.

HARVEY, David: População, Recursos e Ideologia da Ciência. Seleção de Textos 7, abr 1981, p. 1-35.

BORDA, Orlando Fals: Uma Perspectiva para as Ciências Sociais no Terceiro Mundo. Seleção de Textos 7, abr 1981, p. 37-46.

VILLENEUVE, Paul Y.: Classes Sociais, Regiões e Acumulação do Capital. Seleção de Textos 8, dez 1981, p. 1-19.

KLEIN, Juan Luis: Do Materialismo Histórico às Desigualdades Regionais - O Caso da Região de Quebec. Seleção de Textos 8, dez 1981, p. 21-41.

ABDEL-MALEK, Anouar: Geopolítica e movimentos nacionais - ensaio sobre a dialética do Imperialismo. Seleção de Textos 9, dez 1984, 23 pp.

WETTSTEIN, Germán e CAMPAL, Esteban F.: Agricultura Y Geopolítica en la cuenca del Plata. Seleção de Textos 9, dez 1984, 20 pp.

PONTY, M. Merleau: Marxismo e Filosofia - As aventuras da Dialética. Seleção de Textos 10, jun 1985, 38 pp.

BETTANINI, Tonino: O "espaço do corpo" e os territórios da vida cotidiana. Seleção de Textos 10, jun 1985, 34 pp.

LACOSTE, Yves: A pesquisa e o Trabalho de Campo: um problema político para os pesquisadores, estudantes e cidadãos. Seleção de Textos 11, out 1985, p. 1-23.

KAYSER, Bernard: O Geógrafo e a pesquisa de Campo. Seleção de Textos 11, out 1985, p. 25 -43.

PRADILLA, Emilio: Autoconstrucción, explotación de la fuerza de trabajo e política del estado en América Latina. Seleção de Textos 12, p. 1-84.

KROPOTKIN, Piotr: O que a Geografia deve ser. Seleção de Textos 13, p. 1-9, mar 86.

_____ : Campos, fábricas y Talleres. Seleção de Textos 13, p. 11-47, mar 86.

_____ : La Conquista del Pan Seleção de Textos 13, p. 49-77, mar 86.

LENIN, Vladimir I.: A teoria do Conhecimento do Materialismo Dialético e do Empirocriticismo. Seleção de Textos nº 14, jun 86, p. 1-48.

PLECÁNOV, Georges: Materialismo Militante (Terceira Carta). Seleção Textos 14, jun 86, p. 49-95.

KORNEV, I.N.: A região demogeográfica como objeto para o planejamento e administração. Seleção de Textos 15, jul 86, p. 1-10.

EKKEL, B.M.: Previsão regional de população e processos étnicos. Seleção de Textos 15, jul 86, p. 11-21.

LIPJETZ, Alain: O terciário, arborescência da acumulação capitalista: Proliferação e Polarização. Seleção de Textos 16, jul 86, p. 1-32.

THOMAS, Eva V.: As incertezas do terciário. Seleção de Textos 16, jul 86, p. 33-53.

VERDIER, Eric: Traços específicos da informatização do trabalho bancário. Seleção de Textos 16, jul 86, p. 55-59.

FREIRE, Paulo: Papel da Educação na Humanização. Publicado originalmente em Uma Educação para a Liberdade, 4ª ed., Porto, Dinávro, 1974 (Textos Marginais 8). Seleção de textos 17, p. 1-13.

ABRAMOVICH, Fanny: Postura de Educador: Uma Busca Mútua e Paralela. Seleção de Textos 17, p. 14-18.

ARROYO, Miguel G.: Operários e Educadores se Identificam: que rumos tomará a educação brasileira? Seleção de Textos 17, p. 19-46.